

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA CINEMATECA EM CHAMAS – HISTÓRIA DE PROJEÇÃO E PROJECCIONISTAS
10 e 23 de Janeiro de 2026

GREMLINS 2: THE NEW BATCH / 1990
(Gremlins 2 - A Nova Geração)

Um filme de Joe Dante

Realização: Joe Dante / Argumento: Charlie Haas / Direcção de Fotografia: John Hora / Direcção Artística: James Spencer e Joe Lucky / Guarda-Roupa: Rosanna Norton / Música: Jerry Goldsmith / Som: Jack Keller / Montagem: Kent Beyda / Interpretação: Zach Galligan (Billy Peltzer), Phoebe Cates (Kate Beringer), John Glover (Daniel Clamp), Robert Proske ("Grandpa" Fred), Robert Picardo (Forster), Christopher Lee (Doutor Catheter), Haviland Morris (Marla Bloodstone), Dick Miller (Murray Futterman), Keye Luke (Mr. Wing), Kathleen Freeman (Microwave Marge), etc.

Produção: Warner Brothers / Produtor: Michael Finnell / Produtores Executivos: Steven Spielberg, Kathleen Kennedy e Frank Marshall / Cópia: em 35mm, colorida, falada em inglês, legendada em sueco e eletronicamente em português / Duração: 106 minutos / Estreia em Portugal: 17 de Agosto de 1990.

O sucesso comercial do primeiro **Gremlins**, estreado em 1984, teve proporções inesperadas por todos os envolvidos. Afinal, tratava-se de uma produção relativamente "low budget", menos um filme de terror do que uma paródia dos filmes de terror, e mais uma paródia dos filmes de natal do que um filme de natal, cheio de elementos referenciais a piscar o olho à cinefilia (nomeadamente, o **It's a Wonderful Life** de Frank Capra). Como sempre sucede, a Warner Brothers tratou logo de pensar numa sequência que capitalizasse o êxito do primeiro filme. Joe Dante resistiu à ideia, tal como já resistira à ideia de uma sequência de **The Howling** (o seu filme de 1981, que acabou mesmo por ter uma sequência, de muito má fama, em que Dante não foi tido nem achado) e passou o resto da década de 80 concentrado noutros projectos, como **Innerspace** (1987), uma glosa do **Fantastic Voyage** de Fleischer que foi outro dos seus maiores sucessos de bilheteira. Mas a Warner não desistiu e Dante acabou por ceder, em grande parte por ter conseguido garantir (com o apoio de Steven Spielberg, que o tinha então como "protegido") liberdade e controlo criativo absolutos sobre a sequência. Seis anos depois do original, estreou-se, portanto a "nova geração" de gremlins.

Com o **The Last Action Hero** que John McTiernan dirigiu poucos anos mais tarde, **Gremlins 2** representa um pequeno apogeu do "pós-modernismo" (ou da sua caricatura, se houver distinção a fazer) no cinema da grande produção hollywoodiana. Joe Dante referiu, em entrevistas, que a dimensão paródica era para ele essencial, e que o seu filme se pretendia como uma caricatura da própria noção de "sequela". De resto, e no que tem algo de "paroxístico", pode-se dizer que essas adoráveis criaturinhas que são os gremlins são, eles mesmos, "criaturas-sequela", criaturas que, multiplicando-se sempre que apanham com água em cima, engendram as suas próprias "sequelas". Esta ideia é capital neste segundo tomo: há Gremlins por todo o lado, é no multiplicar que está o ganho (e diz-se que, a conselho do produtor executivo Spielberg, Dante deixou de fora da montagem final diversas cenas, porque já eram, segundo a opinião de Spielberg, "gremlins a mais").

Os gremlins são um espectáculo, e montam mesmo, em diversos momentos do filme, os seus próprios espectáculos, as suas próprias imitações, multiplicando-se, por sua vez, em inúmeros papéis. Não estamos longe de um grande cartoon à la Chuck Jones, velha predilecção de Dante a que ele repetidamente voltou em diversos filmes - e também neste, com aquela introdução com Bugs Bunny e o Daffy Duck, que basicamente destroem o logotipo da Warner. É um prenúncio da destruição, em larga escala, que veremos durante todo o filme.

Que é uma espécie de filme-catástrofe, virado do avesso, tipo **Towering Inferno** - um edifício como lugar central, e quase único da acção, e uma ameaça que é preciso conter e não deixar sair cá para fora: uma multidão de gremlins, os comediantes mais destrutivos do mundo. Uma das diferenças fulcrais entre o primeiro **Gremlins** e este é a localização: no filme de 1984 estávamos numa pequena cidade do interior, como que vinda da Hollywood dos anos 40, no filme de 1990 estamos em Nova Iorque. E Nova Iorque é, e era, o "mundo moderno". **Gremlins 2** também é sobre ele, como se Joe Dante fosse (e há vários filmes que podiam sustentar esta "tese") a versão cómica, caricatural, de John Carpenter. Das experiências genéticas (onde pontifica Christopher Lee, na pele do Doutor Catheter, fabuloso nome) a um ambiente de trabalho super-securitário e hiper-competitivo, passando por esse avatar do capitalismo que é a personagem do milionário Clamp (inspirado, diz-se, na figura do actualmente tão na berra Donald Trump), o filme põe em cena uma "distopia do presente", se a expressão faz sentido. Mas é pela sua evidente antipatia por este universo que Dante pode comprazer-se com a destruição operada pelas suas pequenas criaturas, veículos de uma anarquia indomável como já não se via desde o tempo dos Irmãos Marx ou de Jerry Lewis. E é muito mais aqui - no grande burlesco americano - do que na ficção científica que se deve encontrar uma genealogia dos gremlins. E não pensamos exagerar nem um bocadinho - que outra razão haveria para, numa escolha de "casting" que é por si mesma uma "referência", Dante convocar (no hilariante segmento da Microwave Marge) Kathleen Freeman, a mais "jerrylewisiana" das actrizes, que há pouco tempo vimos bastante nesta sala, durante o Ciclo Jerry.

Nessa cena com Freeman, os gremlins destroem um programa de televisão, sendo que a banalidade televisiva está presente a longo de todo o filme e é obviamente um dos seus alvos. Mas a autofagia é total: e na cena mais genial do filme, por certo uma das mais geniais cenas do cinema americano das últimas décadas, é o próprio filme, este mesmo **Gremlins 2**, que é destruído, numa simulação de um acidente com a película durante a projecção (e tão convincente é que a Warner estava cheia de medo que as pessoas saíssem da sala nesse momento, convencidas de que a projecção fora realmente interrompida). É o suprassumo da auto-referencialidade, num filme que já tinha citado a sua própria origem, na cena com o crítico Leonard Maltin a falar (mal) do primeiro **Gremlins**.

A espiral nunca abranda. Há literalmente dúzias de citações, na imagem e no som - por exemplo, o **Drácula** na banda musical numa cena com Christopher Lee. Do **King Kong** ao **Rambo**, com apogeu num inacreditável número musical "roubado" a Busby Berkeley, é ir contando a "multiplicação" de referências, absolutamente engenhosas e imaginativas. **Gremlins 2**, ou a *sequela total*.

Luís Miguel Oliveira